

UMA ATUAÇÃO COM MUITA RESPONSABILIDADE NO MUSEU NACIONAL/UFRJ: ENTREVISTA COM O DIRETOR ADJUNTO DE ADMINISTRAÇÃO, O MUSEÓLOGO WAGNER WILIAM MARTINS.

Regina Dantas¹

Wagner Wiliam Martins, técnico-administrativo da UFRJ desde 1987, foi para o Museu Nacional em 1990, é Diretor Adjunto de Administração do Museu Nacional/UFRJ desde 2002, graduado em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2015) e mestrando em Arqueologia pelo Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu Nacional/UFRJ (a partir de 2018). É responsável por todas as atividades administrativas da instituição e gerencia Seções específicas de uma instituição museológica, tais como: Museologia, Assistência ao Ensino, Núcleo de Atendimento ao Público, Seção de Memória e Arquivo, Laboratório Central de Conservação e Restauração, Biblioteca Central, Seção de Planejamento, Arquitetura e Restauro, além de atuar como pesquisador, desenvolvendo investigações sobre uma das coleções do Museu Nacional/UFRJ.



Diante do trágico incêndio do Museu Nacional/UFRJ, ocorrido em dois de setembro de 2018, a PGPU tem a honra de entrevistar o servidor técnico administrativo que desempenha o cargo de maior responsabilidade de nossa categoria na histórica Instituição, para conversar conosco sobre a participação dos demais técnico-administrativos e o impacto pós-incêndio em suas atividades.

PGPU: Querido Wagner, o propósito desta conversa é aproveitar a oportunidade para perguntar sobre o que não foi priorizado pelos inúmeros repórteres que te entrevistaram e continuam entrevistando. Na semana após o incêndio, fale-nos rapidamente como ficou o cenário da instituição com ênfase na categoria dos servidores técnico-administrativos?

WAGNER: Acho que para além do sentimento de perda e do impacto trágico na vida e nas atividades dos servidores do museu, foi pouco percebido a rápida reação da grande maioria dos servidores do museu em retomar uma atividade para contribuir com a reconstrução do Museu. Seja na atuação em resgatar acervos dos escombros, em

¹ Técnica em Assuntos Educacionais aposentada pela UFRJ. Historiadora do Museu Nacional/UFRJ. Professora do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE da UFRJ. Professora Colaboradora do Programa de Pós-graduação em Geociências: Patrimônio Geopaleontológico-MN/UFRJ.

compartilhar e recriar laboratório, em voltar fortemente ao trabalho de campo para recompor coleções ou compor e participar das diversas comissões de planejamento de tarefas e atividades. Foram muitos os exemplos de reações deste tipo, houve um enorme envolvimento dos servidores ativos e até mesmo de muitos inativos que rapidamente transformaram o sentimento de perda e de luto em um envolvimento participativo e voluntário na recuperação e reativação das atividades. Este fenômeno é fruto do sentimento de orgulho que muitos dos técnicos têm em atuar no Museu, uma instituição de repercussão na sociedade, na história do país, na relação afetiva de momentos de lazer na infância e que, em dois meses antes do incêndio, comemorou-se efusivamente seu bicentenário. Enfim, tudo isso e mais justifica essa relação de dedicação e amor que é muito maior do que a obrigação de simplesmente cumprir tarefas.

PGPU: Após um período maior em relação ao incêndio, você poderia responder se tiveram servidores que não ficaram bem de saúde (diante da notícia)?

WAGNER: Alguns servidores e ex-servidores de fato tiveram um forte impacto emocional, ouve relatos de pessoas que necessitaram de ajuda médica e tratamento. Recebemos equipes de saúde da UFRJ que se prontificaram e de fato fizeram atendimentos de apoio emocional imprescindíveis aos mais afetados. Alguns servidores tiveram dificuldades em voltar ao Palácio, pois não conseguiam rever seus antigos espaços de trabalho totalmente destruídos. Por isso, foi justamente pelo sentimento de afeto, compromisso com o trabalho, a responsabilidade para com a guarda do acervo, a enorme dedicação e luta para a conservação dos acervos mesmo nas adversidades de falta de recursos, sempre foram as principais preocupações e compromisso dos servidores. A relação com itens únicos ao longo de anos gerou um sentimento com os acervos que não pode ser dimensionado. De fato, para algumas pessoas esse impacto foi muito forte.

PGPU: Quantos servidores (em geral) tinham no Museu Nacional antes e depois do incêndio? Houve alguma política para a não liberação ou não recebimento de servidores técnico-administrativos pós tragédia?

WAGNER: O Museu era constituído por 205 servidores técnicos administrativos em dezembro de 2017 e, atualmente, possui 213, mesmo com o forte movimento de aposentadorias nos últimos dois anos, o que evidencia uma recomposição dos quadros técnicos. Não houve uma política de não liberação de servidores ou não recebimento, isso foi tratado caso a caso em função da necessidade. Foram poucas as vezes em que um servidor solicitou transferência e não foi liberado, somente nos casos em que não havia possibilidade de reposição ou paralisação de atividades essenciais, é que foi solicitada uma permuta, o que sempre aconteceu em função de que muitos servidores têm o desejo de se transferirem para o Museu. Esse reconhecimento, de que o Museu é um local de interesse dos novos servidores, é verificado no momento das escolhas dos primeiros

colocados em concursos públicos, quando há vaga no museu, a instituição é quase sempre a primeira escolha dos candidatos. De fato, em relação ao recebimento de servidores, a PR-4 deve ter dificuldades de locar servidores dado ao forte interesse destes pelo Museu, mas temos de acatar os critérios de remanejamento de pessoal, pois deve-se atender também todas as demais Unidades da UFRJ.

PGPU: Levando em consideração os anos em que você gerencia a Instituição, em relação aos servidores técnico-administrativos novos (que não conheciam o Museu Nacional antes do incêndio), como foi a adaptação desses com a instituição?

WAGNER: Bom não é comum não conhecer o Museu, os últimos concursos focaram muito em cargos técnicos específicos da atuação em museu como: Museólogos; taxidermistas; gerentes de coleções; biólogos; técnicos em assuntos educacionais; portanto, os concursados tinham o Museu como sua primeira opção. Aliás, dentre estes cargos, percebe-se que muitos já tinham algum vínculo com o Museu seja como estagiários, bolsistas do CNPQ, FAPERJ, FINEP, Alunos dos cursos de pós-graduação, iniciação científica, entre outros. Eu digo que isso é o comum, apenas nos cargos de assistente administrativo é que não é tão frequente, e há certo desconhecimento dos servidores de que o Museu Nacional (da Quinta da Boa Vista) é uma das Unidades da UFRJ e se surpreendem ao saberem. Mesmo assim, nestes casos, nas entrevistas percebemos claramente uma disposição e satisfação em compor os quadros de pessoal do Museu. Diante de minha experiência na Instituição, afirmo que a adaptação tem sido plena e satisfatória para ambas as partes.

PGPU: Escolha algumas poucas Seções do Museu e fale-nos sobre o impacto do incêndio nessas atividades.

WAGNER: Para além da enorme perda de acervos e equipamentos, acredito que o maior impacto para a Instituição é a sua relação e comunicação com o público por meio das exposições, nesse sentido, o SEMU (Seção de Museologia), a SAE (Seção de Assistência ao Ensino) e o NAP (Núcleo de Atendimento ao Público) foram os mais impactados na sua atuação e que requerem um enorme esforço de criatividade e dedicação para se manter ativos. Estas Seções não podem e não estão esperando a reconstrução do Museu e foram muitas as iniciativas de exposições em outras instituições, tais como: o Centro Cultural do Banco do Brasil; Caixa Econômica; Casa da Moeda e até mesmo no Congresso Nacional em Brasília; além das muitas exposições no parque da Quinta da Boa Vista em finais de semana pela Campanha “MUSEU NACIONAL VIVE”! A equipe da SAE, por exemplo, está indo às escolas apresentando seus materiais didáticos (que não foram atingidos pelo incêndio). Tenho um especial carinho pelos servidores destas seções dado os enormes impactos em suas atividades o esforço e iniciativa destes em buscar soluções para manterem a relação do Museu com o público de forma ampla e gratuita.

PGPU: Wagner, vc estava iniciando o mestrado em Arqueologia no Museu Nacional durante esta tragédia e encontra-se em fase final já tendo qualificado. Como vc conseguiu “conciliar” a relevante e inédita tarefa de gerenciar a instituição no ano de 2018, com a continuidade de tuas pesquisas?

WAGNER: muito humildemente me insiro naqueles servidores que são apaixonados pela instituição e que transformaram o sentimento de perda numa vontade enorme de se reerguer! Confesso que foi difícil, meu objeto de pesquisa foi fortemente impactado pelo incêndio, as demandas administrativas aumentaram muito, mas não dava para escolher um ou outro, até porque meu sentimento com minha pesquisa é também contribuir com o conhecimento de informações deste acervo! Tive de me reinventar e gerenciar a Instituição e desenvolver a pesquisa ao mesmo tempo. Portanto, considero-me satisfeito com o que pude atingir tanto na pesquisa, quanto nos rumos desse novo Museu Nacional que espero entregar para a sociedade no menor tempo possível, reabrir as portas do Palácio do Museu ao público é o maior sonho de todos servidores do Museu.

PGPU: Por falar em pesquisa, você poderia falar, resumidamente, sobre o tema de sua dissertação de mestrado e qual a relação com o Museu Nacional?

WAGNER: Minha pesquisa é sobre o acervo da coleção de origem japonesa do Setor de Etnologia do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, onde havia uma armadura completa de samurai; Katanas e outros objetos, que possuíam lacunas de informação quanto a sua origem e entrada no Museu há mais de 100 anos. Minha investigação consiste em identificar, diante de fortes evidências, de que parte deste acervo foi absorvida pelo Museu quando se transferiu para a Quinta da Boa Vista (a antiga residência real e imperial) e que esta compôs o museu particular do imperador Pedro II. Assim, como muitos dos acervos estrangeiros do Museu que tinham uma forte ligação com a família imperial brasileira.

PGPU: Agora, em tempos de Pandemia, como o Museu Nacional está funcionando?

WAGNER: Entendendo que a prioridade nesse momento é a saúde e o bem estar dos servidores e suas famílias, muitas atividades têm sido realizadas de forma remota. As reuniões virtuais são realizadas diariamente, em especial, pelos servidores da direção. Mas, a manutenção predial, a conservação das coleções e a continuidade das pesquisas exigem uma regular atividade de monitoramentos e tratamentos, que temos feito de forma sistemática em revezamento voluntário de servidores e mesmo assim, somente com os que estão fora dos considerados grupos de risco.

PGPU: Wagner, tens alguma mensagem para passar aos nossos leitores nesse tempo de pandemia?

WAGNER: sim, mantenham o isolamento social e lembrem-se de que o MUSEU NACIONAL VIVE!